



## Jornalismo e a ecologia dos meios: uma relação simbiótica

**Autores:** Julia Dantas de Oliveira Penteado<sup>1</sup>, Denis Porto Renó<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo visa apresentar uma das correntes teóricas contemporâneas que fornecem um arcabouço interpretativo para os estudos do jornalismo: a Ecologia dos Meios. Derivada dos escritos de Marshall McLuhan e institucionalizada pelo norteamericano Neil Postman, a teoria da Ecologia dos Meios propõe uma interpretação dos escritos McLuhianos para a era da internet por meio da metáfora ecológica: os novos meios modificam e são modificados pelo seu entorno. O jornalismo tem papel fundamental na teoria da ecologia dos meios, seja através do marco do surgimento da imprensa de Gutemberg - que teve implicações para além do campo da comunicação - seja no jornalismo táctil em pequenas telas existente nos dias de hoje, dentro da já chamada "nova" ecologia dos meios. Uma pesquisa bibliográfica sobre esta relação simbiótica é apresentada no presente artigo.

**Palavras-chave:** ecologia dos meios, imprensa, jornalismo, nova ecologia dos meios.

---

<sup>1</sup>Jornalista, mestrande do programa de pós-graduação em Mídia e Tecnologia da UNESP e professora bolsista na mesma universidade. Integrante do GENEM, Grupo de Estudos da Nova Ecologia dos Meios, na linha de Narrativas Imagéticas e Mobilidade. E-mail: juliadantas@faac.unesp.br.

<sup>2</sup>Jornalista, doutor em Comunicação Social (UMESP) e professor nos programas de graduação em Jornalismo e de pós-graduação em Mídia e Tecnologia da UNESP. Pesquisador líder do GENEM – Grupo de Estudos da Nova Ecologia dos Meios, na linha de Narrativas Imagéticas e Mobilidade. denis.reno@faac.unesp.br.

## **1. Introdução**

Este artigo pretende investigar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, as possíveis relações da ecologia dos meios, uma teoria de comunicação contemporânea, com o campo do jornalismo. Por se tratar de uma corrente teórica recente e generalista (SCOLARI, 2015, p. 17), que observa a relação existente entre os meios e a sociedade como um todo, optou-se por iniciar o artigo com uma apresentação maior do conceito da ecologia dos meios e o contexto de sua concepção, antes de se iniciar a análise em relação ao jornalismo propriamente dito.

Tendo esclarecido o conceito-chave deste artigo, o item 3 abre caminhos para analisar sua relação com o jornalismo ao abordar a sua historicidade, recuperando o pensamento de Eric Havelock e Harold Innis, teóricos precursores, até Walter Ong e Marshall McLuhan, dois dos chamados “pais fundadores” desta escola teórica. Neste tópico, será possível compreender como os precursores desta corrente teórica interpretaram momentos-chave da história, incluindo o surgimento da imprensa e dos jornais diários.

Finalmente, no item 4, o artigo volta para o conceito inicial da ecologia dos meios em uma noção revisitada e atualizada – a chamada *nova* ecologia dos meios, que se sustenta por meio dos escritos de Denis Renó, Dan Gillmor e Paul Levinson. Por meio de uma análise contemporânea, será possível compreender como se dá a relação entre o jornalismo e a ecologia midiática contemporânea, marcada pela produção e participação cidadã, o que nos conduzirá para as discussões finais.

## **2. A ecologia dos meios: uma apresentação**

Metáforas, correlações, comparações. Identificar semelhanças entre o ser humano e a natureza, entre a literatura e os meios, entre a biologia e a linguagem: em suma, reconhecer padrões. Esta é a característica mais marcante do pensamento de

Herbert Marshall McLuhan, um dos chamados “pais fundadores” da ecologia dos meios, já que reuniu os principais pontos de seus precursores em sua obra e é a principal influência daqueles que deram continuidade a esta escola teórica.

A escolha de seguir pelo caminho da ecologia dos meios, porém, não é feita somente com ganhos. Esta corrente traz consigo alguns dos estigmas que acompanham o seu fundador mais famoso no universo acadêmico. Severamente criticado nos anos 1970 por ser um “teórico *popstar*”, McLuhan sofria retaliações dos colegas pesquisadores por ter uma personalidade extremamente midiática, tendo alcançado considerável fama global com sua fala acessível aos leigos, o que se refletia em sua produção textual. Seus escritos não seguiam o rigor acadêmico do pensamento racional, o que levou à desconfiança de muitos dos pesquisadores de sua época quanto ao seu legado.

Esta característica contribuiu para o fato de não haver um texto fundante sobre a teoria da ecologia dos meios; assim como os objetos que são alvo de análise de seus pesquisadores, caracterizados pela liquidez e hipertextualidade, a ecologia dos meios é uma teoria em constante evolução, construída por várias vozes que se debruçam sobre os seus conceitos e trabalham para que ela se solidifique e seja reconhecida como uma corrente teórica tão importante quanto a Escola de Chicago, por exemplo – uma das mais importantes influências no pensamento McLuhiano. Scolari encontra uma definição sob medida de teoria para explicar a ecologia dos meios: “a teoria entendida como um campo conversacional onde diferentes sujeitos, mais ou menos competentes, falam sobre um tema determinado. Em outras palavras, as teorias entendidas como um fazer performativo” (2015, p. 15). Neste sentido, Lance Strate compara a ecologia dos meios com a teoria crítica sob uma perspectiva otimista:

“Em geral, o corpo teórico que representa a ecologia dos meios é menos maduro que o da teoria crítica (se é que a ecologia dos meios pode considerar-se uma teoria), mas também é mais aberto e adaptável, e mais concreto, menos propício ao ‘endurecimento das categorias’, como costumava dizer McLuhan.” (STRATE, 2015, p. 155-156)

Além da falta de um rigor teórico e metodológico para a pesquisa na ecologia dos meios, outra crítica frequente desta corrente é a de que, por colocar os meios em uma posição central em seus estudos sobre a comunicação e sociedade, trata-se de uma visão com forte viés de determinismo tecnológico. Apesar disso, há pesquisadores que questionam este viés e dizem que a ecologia dos meios considera, sim, outros fatores para a sua evolução – ainda que de forma subalterna ao impacto dos meios – , amenizando esta visão para o adaptado termo “determinismo tecnológico suave”.

Apesar de McLuhan ser o principal teórico da ecologia dos meios – afinal, sem os seus principais enunciados não haveria a base sobre a qual os demais se debruçaram – é importante ressaltar o legado de Neil Postman, autor americano considerado como um dos “pais fundadores” da ecologia dos meios ao lado de McLuhan. Coube a ele instituir oficialmente a metáfora da *ecologia dos meios*, termo com o qual teve contato pela primeira vez em conversas privadas com Marshall McLuhan. Esta metáfora foi criada nos anos 1970, quando a ecologia tornava-se cada vez mais em voga nos Estados Unidos. É de Postman a primeira definição para o termo:

“A ecologia dos meios analisa como os meios de comunicação afetam a percepção humana, a compreensão, os sentimentos e os valores; e como nossas interações com os meios facilitam ou impedem nossas chances de sobrevivência. A palavra ecologia implica o estudo de ambientes: suas estruturas, conteúdos, e impacto nas pessoas.” (POSTMAN, 1970. Tradução própria)

Postman, que dedicou boa parte de sua carreira a estudar a educação nos Estados Unidos, traz ainda outro valor para esta corrente teórica: ele reconhece que não há neutralidade nos meios. Partindo-se deste pressuposto, Postman sugere que os pesquisadores busquem o humanismo da ecologia dos meios em suas pesquisas durante a sua fala na conferência de abertura da Convenção da *Media Ecology Association*, no ano 2000. Ao final, Postman decreta qual é, em sua visão, o sentido para a ecologia dos meios: ela “existe para promover nosso conhecimento de onde nos encontramos como seres humanos; como o estamos fazendo, moralmente, em nossa viagem” (POSTMAN, 2000).

A partir da definição dada por Postman, infere-se que as tecnologias de comunicação afetam a forma como os seres se relacionam, causando um profundo

impacto na sociedade. Porém, SCOLARI (2015) amplia a metáfora ecológica e explica que ela abarca duas possíveis interpretações, que podem ser complementares. A primeira é a interpretação dos *meios como ambientes* e a segunda interpreta os *meios como espécies*.

A primeira interpretação é mais generalista e sugere que as tecnologias de comunicação “geram ambientes que afetam aos sujeitos que as utilizam” (SCOLARI, 2015, p. 29). Esta é uma visão particularmente influenciada pelas ideias de Marshall McLuhan sobre meios e cognição, pois ele defende que, sem perceber e sem nenhuma resistência, os sujeitos estão sendo alterados pelos meios nos níveis de percepção e cognição do homem. Postman explica que cada *medium* propõe “uma nova orientação para o pensamento, a expressão, a sensibilidade (...) (os meios) classificam o mundo para nós” (apud SCOLARI, 2015, p. 29). Parafraseando uma das metáforas de McLuhan, os meios são para os seres humanos como a água é para os peixes: por serem o ambiente no qual eles vivem, a água influencia diretamente o seu modo de vida, sem que eles percebam que estão dentro dela.

Já a segunda interpretação estabelece a relação entre os próprios meios de comunicação e explica a influência de uns sobre os outros no ecossistema midiático. Assim como na natureza, em que o surgimento de novas espécies extermina ou modifica as demais, os meios de comunicação também não passam ilesos às novas tecnologias para comunicação desenvolvidas desde os primórdios da humanidade: o papiro *versus* a pedra, o rádio *versus* o jornal, a internet *versus* a televisão e assim por diante. Diferente da *dimensão ambiental da ecologia dos meios*, esta interpretação trata da *dimensão intermedial da ecologia dos meios*.

Em suma, assim pode-se entender o significado da ecologia dos meios: ela nada mais é do que uma metáfora ecológica que coloca os meios de comunicação em uma posição central na história da humanidade. Por moldarem o ambiente em que vivemos, os meios exercem influência tanto em um nível micro e pessoal – em nossa forma de pensar, sentir, ou seja, em nossa cognição – quanto em um nível macro e sociológico – ou seja, na forma como a sociedade evolui e se transforma ao longo do tempo.

No próximo item, serão apresentadas as bases teóricas que levaram a este pensamento por meio de uma perspectiva histórica de obras que influenciaram o pensamento McLuhiano. Também serão apresentadas possíveis relações entre eventos no campo do jornalismo com o que seriam a base para formulação do conceito da ecologia dos meios.

### **3. O papel da imprensa na ecologia dos meios**

Eric Havelock foi um investigador britânico da cultura clássica que exerceu grande influência na obra de Marshall McLuhan e, principalmente, em Walter Ong. A contribuição de Havelock se dá principalmente a partir de uma análise sobre a transição entre a oralidade e a escritura na cultura grega (SCOLARI, 2015, p. 22), considerada como o primeiro evento que marca uma mudança na ecologia dos meios. Havelock oferece a equação oralidade *versus* escritura: de acordo com o autor, foi a partir da escrita fonética, comum a diversas civilizações, que a sociedade saiu da tradição tribal da comunicação auditiva e migrou para a comunicação visual por meio da leitura. Isso propiciou uma mudança do pensamento coletivo para o individualizado, já que o conhecimento agora poderia ser lido fora do seu próprio contexto por meio das escrituras. Assim, nasce a filosofia crítica e o pensamento racional (MARTÍNEZ, 2015, p. 110).

Apesar da criação do alfabeto fonético, que marcou o início do fim da oralidade e permitiu o desenvolvimento do pensamento racional e descontextualizado, McLuhan defende que a cultura tribal ainda se manteve dominante e persistiu até a invenção da imprensa no século XVI – sendo este o segundo evento de maior importância para os ecólogos dos meios, aparecendo cronologicamente depois da escrita fonética. Foi com a invenção de Gutemberg que teve início a popularização da alfabetização, já que os livros não mais eram restritos ao clero ou à elite.

Este segundo marco da ecologia dos meios é aprofundado em 1950, quando o economista político Harold Innis publica *Empire and Communications* e realiza pela

primeira vez uma associação entre meios de comunicação e sociedade por meio de uma perspectiva integradora e sistêmica. Innis apresenta um olhar inovador para a comunicação depois de passar boa parte de sua carreira estudando o impacto do sistema ferroviário e o mercado de peles no Canadá. Por meio desta obra e de *The Bias of Communication*, publicada um ano depois, Innis contou a história da humanidade colocando os processos de comunicação no centro de seu relato, realizando pela primeira vez uma associação com o espaço e tempo. Segundo o economista, “as tecnologias de comunicação e o transporte propiciam a formação de monopólios do conhecimento e dão forma a um território estabelecendo limites a impérios e nações” (MARTÍNEZ, 2015, p. 110).

Embora Innis não considerasse apenas o jornalismo como elemento único de integração territorial, Briggs e Burke (2006) permitem compreender a importância dos veículos jornalísticos neste intento ao destacar os efeitos do surgimento dos jornais no século XVII na sociedade. Segundo os autores,

“alguns jornais do século XVIII (...) também ajudaram a criar comunidades locais, da mesma forma como (...) o jornal do século XIX contribuiu para a formação de uma consciência nacional, por tratar seus leitores na condição de comunidade, um público nacional.” (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 39).

Mais adiante, os autores assinalam que o jornal diário do século XVIII foi o principal responsável pela penetração dos materiais impressos na rotina do cidadão comum, já que eles eram populares pois “abriam o horizonte de seus leitores, pelo menos ao tornar as pessoas conscientes daquilo que elas não sabiam” (p. 77). Assim, podemos verificar uma interessante correlação entre este novo meio e o jornalismo: se os jornais devem sua existência à invenção de Gutemberg, seu uso se tornou mais popular devido ao valor dos jornais diários para os povos daquele tempo. Esta mesma perspectiva de interdependência entre meio e sociedade levou Innis a vincular, pela primeira vez, o desenvolvimento do telégrafo e da imprensa no século XIX à “crescente demanda de informações atualizadas” (apud SCOLARI, 2015, p. 21).

Para explicar o alcance do impacto das mudanças na ecologia dos meios, Neil Postman introduziu o conceito de *câmbio ecológico*: segundo o autor, quando um novo meio surge, ele não apenas agrega novas funções comunicacionais, mas muda todo

o seu entorno. Desta forma, quando a imprensa surge, não há uma velha Europa mais uma imprensa: há uma nova Europa. E assim sequencialmente, conforme novos atores surgem na ecologia midiática. Seguindo a lógica do câmbio ecológico, McLuhan explica o impacto da imprensa através de uma sequência de eventos que nos levam até o momento em que nos encontramos hoje:

“O novo meio da imprensa linear, uniforme e repetível reproduzia a informação em quantidades ilimitadas e a uma velocidade até então impensável, garantindo aos olhos um posto de domínio absoluto no *sensorium* do homem. Ao ser uma extensão drástica do homem, ela moldou e transformou todo o seu entorno, físico e social, e foi diretamente responsável pela aparição de fenômenos tão díspares como o nacionalismo, a Reforma, a linha de montagem e sua prole, a revolução industrial, o conceito de causalidade, os conceitos cartesianos e newtonianos do universo, perspectivas sobre a arte, a cronologia narrativa na literatura e uma técnica psicológica de introspecção ou direção interna que intensificou muito as tendências para o individualismo e especialização. (...) Desde então, o homem ocidental passou a ser o homem Gutemberg.” (MCLUHAN, M., 1969, in SCOLARI, C., 2015, p. 59, tradução livre)

Assim, podemos encontrar vários pontos de intersecção entre a história do jornalismo e os principais marcos da ecologia dos meios. Porém, resta ainda apresentar a mais recente mudança na ecologia midiática, ou seja, o terceiro e último evento que proporcionou o início da chamada *nova* ecologia dos meios: a comunicação eletrônica.

#### **4. A nova ecologia dos meios**

Desde o surgimento desta corrente, no final dos anos 1960, o ambiente da chamada *ecologia dos meios* recebeu incontáveis novos elementos e passou por mudanças que demonstram cada vez mais a influência da tecnologia na sociedade. Para estudar essas novidades no campo da comunicação e tecnologia e revisitar o conceito de *media ecology*, outros teóricos surgiram para descrever e se debruçar sobre os novos fenômenos do que agora é chamado de *nova ecologia dos meios*.

Dentre essas tantas mudanças ocorridas nas últimas décadas, uma das principais foi o surgimento da Web 2.0. - o termo, criado e difundido por Tim O'Reilly



em 2005, descreve a segunda geração da internet, quando ela passa a ser tida como uma plataforma de publicação, participação e interação dos usuários.

Apesar de o termo Web 2.0 ter surgido em 2005, as manifestações da web como plataforma começaram no final do século XX, como descrito por Gillmor (2005). O autor descreve como, desde 1999, com a chegada dos blogs, qualquer cidadão passou a ser um possível meio de comunicação, o que muda totalmente a lógica de distribuição de notícias. Gillmor resume esta grande mudança comunicacional em uma perspectiva histórica:

“Podemos resumir a questão. Nos últimos 150 anos, dispusemos essencialmente de dois meios de comunicação: de um para muitos (livros, jornais, rádio e televisão) e de um para um (cartas, telégrafo e telefone). Pela primeira vez, a Internet permite-nos dispor de comunicações de muitos para muitos e de alguns para alguns, o que tem vastas implicações para os antigos receptores e para os produtores de notícias, na medida em que a diferença entre as duas categorias começa a tornar-se difícil de estabelecer.” (GILLMOR, 2005, p. 42)

Enquanto Gillmor analisa a mudança do papel do cidadão nos processos comunicacionais pós-Web 2.0, Levinson (2012) revisita os estudos de McLuhan sobre os meios por meio de uma nova classificação: *old media*, *new media* e *new new media*. De acordo com o autor, a *old media* pode ser definida como uma mídia em que algumas pessoas no topo escolhem quais tipos de conteúdo serão passados adiante - papel do *gatekeeper* – sem a possibilidade de sua audiência publicar qualquer tipo de conteúdo. Os exemplos da *old media* são o jornal, a revista, a TV e o rádio, ou seja, a mídia de *broadcasting*. Já a *new media* é a mídia nativa da internet, com veículos presentes no meio on-line, porém ainda com uma função semelhante à do *gatekeeper*. Exemplos de *new media* são o iTunes e a Amazon - essas empresas de mídia são novas (*new*), pois sua existência só foi possível após o surgimento e evolução das TICs, porém ainda operam seguindo os princípios de curadoria editorial das *old media*.

Por fim, a *new new media* é a mídia protagonista dos tempos de hoje. Assim como a *new media*, este tipo de mídia só pôde ser possível com a evolução das TICs, porém, ela possui um grande diferencial no processo de produção de informações: agora, os usuários conseguem produzir e publicar conteúdos com a mesma facilidade com que os leem. Dentre os exemplos de *new new media* estão o Facebook, Twitter

e YouTube, que também podem ser definidos como redes sociais. Porém, ao conceituar *new new media*, Paul Levinson prefere destacar a possibilidade de um usuário postar o conteúdo nesses sites, sem necessariamente ter havido uma interação social prévia entre seus participantes.

Já em 1969, antes do surgimento da web 2.0, McLuhan já previa os efeitos deste novo ecossistema midiático com a chamada retribalização, ou seja, uma espécie de volta aos tempos da oralidade revisitada. Martínez explica as previsões de McLuhan a partir da perspectiva sensitiva, já que não existe mais a predominância do meio escrito, como na época do “homem de Gutemberg”, mas há também a volta da comunicação auditiva e até tátil:

“Mas no século XX, com o surgimento do rádio, do telefone e da televisão, voltaram a pôr em seu lugar a comunicação tribal e afetiva. Atualmente, a integração de vários modos de comunicação em uma rede de comunicação interativa nos deixa ver que estamos ante uma revolução tecnológica de dimensões históricas.” (MARTÍNEZ, 2015, p. 122)

Renó (2015) fornece uma leitura atualizada para os efeitos deste novo ecossistema midiático, tanto sobre o cidadão – que agora é produtor e consumidor – quanto para a grande mídia, cujo poder de influência ainda não pode ser ignorado:

“Hoje em dia a sociedade não se limita a este tipo de estrutura organizativa. A nova ecologia midiática encontra uma sociedade organizada não em uma aldeia, mas em várias. Cada indivíduo faz parte de várias aldeias, e de maneira líquida muda de aldeia a cada momento da forma que mais o convém. Além disso, não assume somente o papel de receptor mas também de emissor. No entanto, convém manter ainda a existência de um receptor tradicional, pois agora os que recebem mensagens podem reconstruí-las e fazê-las circular por suas redes de contatos.” (RENÓ, 2015, p. 249, tradução livre)

Assim, a sociedade se encontra hoje em um ambiente diferente daquele em que havia o predomínio da imprensa escrita, que propiciava a ideia de comunidade e nação unificada por meio de uma leitura visual e coesa. Hoje, a comunicação se dá por meios em que há interação tanto no nível físico quanto no nível de conteúdo por meio da produção de conteúdo cidadão. “Surge assim uma nova ecologia midiática onde as imagens do cotidiano ocupam espaços comunicacionais coletivos e abertos como os meios sociais” (RENÓ, 2015, p. 253). Ainda que a *old media* continue a existir

com uma nova forma de atuação, a marca dos novos tempos está na participação cidadã como algo determinante da nova ecologia midiática.

## **5. Discussões finais**

Ainda que a ecologia dos meios seja uma teoria eminentemente generalista e de caráter interdisciplinar, é possível afirmar que o jornalismo exerceu influência considerável no desenvolvimento do segundo marco temporal para esta corrente: o surgimento da imprensa. Conforme apresentado no tópico 2, apesar de não ter sido o fim principal da invenção da prensa de Gutemberg, o jornalismo exerceu papel vital para a popularização do meio impresso entre as camadas mais populares da sociedade, já que apresentava um conteúdo mais atrativo, o que pode ter influenciado no aumento da alfabetização. Da mesma forma, sem este novo ambiente midiático, o jornalismo não existiria.

Atualmente, a ecologia dos meios passa pela terceira fase, iniciada após o advento da comunicação eletrônica via telégrafo e potencializada com o surgimento da web 2.0. Com a possibilidade de participação cidadã, muda-se o panorama da sociedade na nova ecologia midiática e muda também o posicionamento do jornalismo, que deixa de reinar entre os meios de comunicação. Embora a indústria do jornalismo esteja sofrendo severamente o impacto econômico deste novo ecossistema midiático, em que a comunicação de muitos para muitos e o acesso às informações está cada vez menos mediado pelos grandes veículos de comunicação, há quem defenda que esta pode ser uma hora da virada para o jornalismo.

Na biologia, diz-se que uma relação simbiótica se dá quando ela é vantajosa para as duas partes. Na segunda fase da ecologia dos meios, esta é uma expressão adequada para descrever a relação da imprensa e o ambiente em que ela se inseria. Já na nova ecologia dos meios, seria precipitado chegar a esta conclusão, pois não existe a chamada “vista de retrovisor” de Marshall McLuhan. Porém, cabe uma provocação: estariam as empresas jornalísticas morrendo para salvar o jornalismo?

## Referências bibliográficas

BRIGGS, A. e BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

GILLMOR, D. **Nós, os media**. Portugal: Editorial Presença, 2005.

LEVINSON, P. **New new media (2nd Edition)**. Estados Unidos: Editora Pearson, 2012.

MARTÍNEZ, J. O. E. **McLuhan y la Escuela de Comunicación de Toronto**. In: **Ecología de los médios: entornos, evoluciones e interpretaciones**. Barcelona: Gedisa, 2015. P. 109-132.

POSTMAN, N. El humanismo de la ecología de los medios. In: **Ecología de los médios: entornos, evoluciones e interpretaciones**. Barcelona: Gedisa, 2015. P. 97-107.

RENÓ, D. P. Movilidad y producción audiovisual: cambios en la nueva ecología de los medios. In: SCOLARI, Carlos A. (Ed.). **Ecología de los médios: entornos, evoluciones e interpretaciones**. Barcelona: Gedisa, 2015. P. 247-263

SCOLARI, C.A. Ecología de los médios: de la metáfora a la teoría (y más allá). In: **Ecología de los médios: entornos, evoluciones e interpretaciones**. Barcelona: Gedisa, 2015. P. 15-40.

STRATE, L. Estudiar los médios como ledios: McLuhan y el enfoque de la ecología de los médios. In: **Ecología de los médios: entornos, evoluciones e interpretaciones**. Barcelona: Gedisa, 2015. P. 147-163.